

O SÉTIMO JURAMENTO, DE PAULINA CHIZIANE – UMA ALEGORIA SOBRE O PREÇO DO PODER*

*Inocência Mata***

RESUMO

O último romance da moçambicana Paulina Chiziane, *O sétimo juramento*, retoma algumas preocupações que têm marcado a obra desta romancista moçambicana: a encenação quotidiana do feminino. Com este edifício sociocultural como pano de fundo, o romance focaliza o ritual de iniciação de uma personagem masculina, David, que, para ascender ao poder político, consolidado o poder econômico, recorre à feitiçaria, ao poder de um *nynaga*, que lhe exige, em troca, o que tem de mais precioso: a família. É aqui que as mulheres têm um papel fundamental: de simples objeto de prazer e de troca, elas se unem e se tornam sujeitos do processo, revertendo-o apesar de duas não terem logrado sobreviver. Portanto desta vez, para além da deslocação da cena para o mundo urbano do poder político e socioeconômico, o romance, embora revelando os meandros que determinam a vida da mulher mesmo numa sociedade urbana, diz também do conhecimento feminino sobre estratégias para contornar o peso da condição subalterna.

Quando, em Novembro de 1999,¹ Paulina Chiziane se referiu ao romance que seria o seu livro seguinte – este, *O sétimo juramento* – dele disse que seria algo diferente dos outros dois anteriores, *Balada de amor ao vento* (1990) e *Ventos do apocalipse* (1993).

* Este texto resulta da apresentação do romance *O sétimo juramento*, em 11 de Julho de 2000, na Galeria da Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa.

** Universidade de Lisboa.

¹ Apresentação da autora, em Lisboa, a propósito do lançamento da edição portuguesa de *Ventos do apocalipse* (Lisboa, Editorial Caminho, 1999), no dia 9 de Novembro de 1999. Também à jornalista Kathleen Gomes a autora se referiu ao livro como “uma história de feitiçaria.” (*in* Paulina Chiziane, “Nunca houve arma mais fulminante do que a Mulher”. “Suplemento Leituras”, *Público*, 13 de Novembro de 1999).

Na verdade, este último romance da primeira romancista moçambicana não é nenhuma história de percurso de uma rapariga que se confronta com os ditames de uma sociedade tradicionalista, como no primeiro romance, nem é a história da resistência de uma comunidade cuja temporalidade é pontuada por guerras. Além disso, este romance já não é marcado pelo modo lírico que nos romances anteriores perpassava toda a narrativa, insinuando a ilusão (confirmada posteriormente em entrevistas) de uma projeção autobiográfica decorrente do processo rememorativo através do qual ambos os romances intentam a revitalização identitária: individual, da jovem Sarnau, em **Balada de amor ao vento**, e coletiva, das gentes da aldeia do Monte, em **Ventos do apocalipse**.²

Não tão diferente é este romance dos anteriores, por outro lado. Isto é, este romance reedita, na esteira dos anteriores, a encenação quotidiana do feminino: mais uma vez este livro, **O sétimo juramento**, revela os meandros que determinam a vida da mulher mesmo numa sociedade urbana em que as mulheres conhecem outras estratégias para contornar o peso da sua condição subalterna – e esta é uma novidade. Desta vez, as mulheres com funções diegéticas são urbanas, da classe que se move na ciranda do poder social: Vera, a esposa de um director-geral; Cláudia, a secretária amante, seu braço direito e depois sua terceira esposa; a tia Lúcia, a dona de um bordel com influências inimagináveis (p. 122-124); e mesmo Mimi, a órfã recolhida no bordel que se torna segunda esposa de David; e, finalmente, a mãe deste, protagonista de um momentos mais decisivos da narrativa – o da revelação sobre a “maldita herança” paterna de David, momento a partir do qual a narrativa ganha uma dimensão trágica (capítulo XXXIII). Interessante é o fato de essas personagens femininas serem personagens solares, que buscam a Vida, personagens especializadas em “varrer o feitiço” (como Moya ou a velha da pedra de Wussapa), que operam no campo da “magia branca” pela preservação dos valores familiares e contra as sombras e contra os xigonos (fantasmas); mesmo a sogra de Vera rejeita a sua condição de “feiticeira por casamento” (p. 196), enquanto Suzy, arrastada pelo pai para os rituais de feitiçaria, é desencantada no final.

O romance é um suceder de peripécias – aventuras e desventuras – de um moçambicano de cultura urbana comprometido com o poder socioeconômico e com pretensões a poder político que, por imperativos de ambição pessoal e adepto da filosofia do “cabritismo” (p. 118), comete atos ilícitos na empresa, motivo pelo qual inicia uma viagem em busca da “protecção das sombras” para os seus bens: o lugar de director-geral, o bem estar econômico, o prestígio social e os prazeres do corpo (que passavam pelo estatuto de marido de três esposas). Uma viagem que, tendo

² Cf. meu texto “Paulina Chiziane: uma colectora de *memórias imaginadas*”, a sair no número 1 da revista **Meta-morfoses**, publicação da Cátedra Jorge de Sena, da UFRJ.

começado por ter objetivos curativos, acaba por transformá-lo em agente da sua própria proteção, envolvendo-o numa teia de feitiçaria que não mais consegue destecer. Tal como Fausto faz um pacto com o Diabo, David faz um pacto com Makhulu Mamba, seu mestre, senhor do império das trevas e “personagem das lendas de terror do universo mítico dos tsongas” (p. 139), personagem para quem David era a encarnação perfeita do mal: “És [David] um homem digno de respeito. Não é qualquer um que arruina a vida de mais de mil trabalhadores, dentro de uma empresa. Tens coragem e força de leão” (p. 151).

Através de um ritual de iniciação em Massinga, a terra dos grandes mágicos, David presta o sétimo juramento: o da feitiçaria, “a escola dos governadores da vida” (p. 167). Ele, que já havia prestado seis – do batismo, da bandeira, do matrimônio, da revolução, da nação, da competência e do zelo (p. 152) – terá que prestar o sétimo a fim de assegurar o poder e ascender ao saber e ao prazer. O sétimo juramento, porém, exige muito mais do que a obediência aos princípios e valores do sistema: exige sacrifícios de sangue da família, afinal o “rebanho onde se escolhem as vítimas para os sacrifícios dos deuses” (p. 166).

É aqui que o texto tece a sua significação alegórica. É verdade que neste romance Paulina revela-nos aquilo que é referido como a “geografia mágica do país” (p. 146), os seus mitos, lendas, histórias fantásticas, o maravilhoso e o fabuloso que a voz narrante vai atualizando em seqüências de pormenores que constituem interessantes apontamentos etnográficos (sobre usos e costumes, comportamentos, crenças, rituais de xamanismo, de esconjuro, de amaldiçoamento, de invocação) e funcionam como catálises, na lógica narrativa, para a *reconhecimento*, ou revelação. É através desse momento que o leitor percebe a lógica dos eventos e a dimensão psicológica do protagonista e de algumas personagens aparentemente secundárias como Lourenço, o amigo confidente, Clemente e a avó (o filho e a mãe de David). Essa geografia mágica do país também se desenha pela reinvenção de fórmulas proverbiais que aparecem disseminadas no texto, recurso estético já experimentados em **Ventos do apocalipse**, fazendo da narrativa um lugar da *sageza* popular e do imaginário, apresentando num sistema codificado que revela a mundividência e também a habilidade na gestão do físico, do espiritual e do afetivo. Porém, para além do que diz do país, Moçambique, o romance pode ler-se também pelo ângulo da rasura dos sinais de reconhecimento nacional e, nas entrelinhas da sua retórica a disseminar sentidos, fala de um universo em que o Poder forma um sistema de benesses cujos beneficiários têm que pagar um preço, pois “toda a realização humana exige suor e sacrifício. Toda a fortuna vem das mãos sujas. (...) Viver à larga sem o menor esforço é conversa fiada, porque tudo na vida tem o seu preço” (p. 150). Isso mesmo reconhece Makhulu Mamba que, para corroborar essa idéia, refere o **Gênesis**, segundo o qual “Homem e mulher foram sentenciados a viver do seu próprio suor” (p. 160). A significação do

poder por que David pugna expande-se e o discurso da narrativa revela mais do que diz: do Poder como tal, do despojamento espiritual e afetivo que exige e da solidão de quem o detém. O poder e os seus corolários, o saber e a transgressão, são os benefícios por que David, tal como Fausto, vende a alma. Este **O sétimo juramento** é, afinal, o mito de Fausto em versão moçambicana.

A constante citação de relações similares em outros sistemas culturais e mundivivenciais (particularmente cristão, embora não apenas), para os comparar às crenças e superstições africanas, particularmente Ndau e Nguni – que no texto se antagonizam – reforça a ideia, já projetada em **Ventos do apocalipse**, de que a diferença entre as religiões não é essencial, residindo, apenas, na ritualização das crenças: no final de **Ventos do apocalipse**, o padre e o mungoni unem-se nas preces pela pacificação da aldeia do Monte (p. 201). Aqui, em **O sétimo juramento**, contrariamente ao que as personagens a princípio entendem, a linguagem dos mortos complementa a dos vivos, enquanto o “mundo irracional” é compatível com o “saber e a lógica”: até um padre e um acadêmico vão em busca da proteção dos antepassados ao império de Makhulu Mamba (p. 158-159). A única personagem que entende o diálogo entre as razões espirituais é Clemente, significativamente aquele que possui o poder do antiféitico e que consegue neutralizar o poder do senhor das trevas. Interessante, no capítulo XL, é, por isso, o diálogo entre Vera e Clemente, mãe e filho, quando este lhe comunica a sua decisão: “servir a Deus como curandeiro” (p. 243). Contra os receios preconceituosos da mãe, próprios do seu lugar sociocultural (melhor, do seu *entre-lugar*, entre a cultura africana tradicional e a europeia, entre a cultura urbana e a rural), Clemente contrapõe:

Ficarias mais feliz se eu decidisse ser médico. Mas eu quero ser nyanga. Nyangas e médicos estão juntos na luta pela saúde do mundo. Ficarias ainda mais feliz se eu decidisse ser padre. Nyangas e padres são ambos médiuns, estabelecendo a comunicação entre os deuses e os homens, ambos lutando pela preservação da vida. (p. 244)

Esta singela lógica sobre a importância da entidade nyanga/curandeiro, como correspondente de médico e padre, é um convite a uma *leitura transcultural* deste romance pois que, embora parecendo referir diferentes entidades, trata-se na realidade de uma mesma função, que deve ser compreendida dentro de cada contexto cultural. Neste âmbito, há que assinalar as implicações ideológicas da “escrita da Cultura” – tal como, aliás, da “escrita da História” –, implicações que se reportam a estruturas de poder e às relações de poder entre culturas no mundo em que vivemos. Por outro lado, tais formas, reportando-se à projeção de memórias, sonhos, medos e fantasmas – fenômenos recorrentes em todo o texto – geram também a sua própria superação, processo que anuncia, pela dinamização da *aldeia*, a invenção da *cidade*. Quero dizer: não me parece arbitrário ler este texto também como uma proposta de

reflexão sobre os caminhos da modernidade: como entender a conciliação entre “espírito do progresso” (atente-se nos bens materiais das personagens: carro *Mercedes Benz*, fins de semana na Suazilândia, contas no estrangeiro, a parafernália de bebidas importadas na casa de Lourenço, enfim, as aspirações das personagens) e “espírito da tradição” que impõe a lógica da feitiçaria como forma de gerir os movimentos de uma sociedade globalizada?

Se, como disse ela própria uma vez,³ Paulina não incorpora palavras tsongas no seu texto mas (incorpora) vivências, essas vivências de **O sétimo juramento** são vivências dolorosas – de mulheres que partiram em busca de Vida (como Vera) ou que sucumbiram nessa busca (como Cláudia e Mimi) – então, escrever este último romance, **O sétimo juramento**, terá sido, certamente, uma revivência de memórias dolorosas. Mas gratificantes, porque nós com ela ficamos movidos pelo pressentimento de uma nova humanidade que o final lunar – ainda não solar! – do texto anuncia. Talvez como o próprio país da autora.

ABSTRACT

Paulina Chiziane’s last book, **O sétimo juramento**, [The Last Oath] is still about the regular subject of her work: the everyday life of Mozambican women.

With such a social and cultural background concerning women’s place in the Mozambican society, the novel talks about David who managed to be a successful businessman after the end of the only-party regime and is trying to become a politician as he realised that no economic power is safe without a political support. He went to a *nyanga*, a sorcery master who told him to be submitted to a ritual in which “his women” would work as “exchange currency”. Helping one another – his mother, his wives and his secretary and mistress –, they decided for a struggle against this situation, disenchanted his daughter who was being used as “exchange currency”, and became subject of the process in which two of them died but which they managed to control and revert against the *nyanga* and David’s intentions to make them object of pleasure and “social welfare”.

Referências bibliográficas

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Maputo: AEMO, 1990.

_____. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999 [1ª edição: Maputo: Edição de Autor, 1993].

_____. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

³ Paulina Chiziane, “Nunca houve arma mais fulminante do que a Mulher”. *Op. cit.*